

Revista Saúde.Com

ISSN 1809-0761

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc>**RESENHA CRÍTICA DO LIVRO: “ORGAN TRANSPLANTATION AND NATIVE PEOPLES: AN INTERDISCIPLINARY APPROACH”****Melissa Resende Ferreira**

Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

O livro “Organ transplantation and native peoples: an interdisciplinary approach” escrito pelos autores Estevão Rafael Fernandes e Ana Karoline Nobrega Cavalcanti foi publicado pela editora SpringerBriefs in Public Health no ano de 2023. Ele aborda, em suas 65 páginas, o transplante de órgãos na população indígena através de diversas perspectivas, trazendo relatos enriquecedores e nos apresentando outros meios de compreender a realidade dessa população no contexto dos transplantes. O conteúdo do livro é apresentado em quatro capítulos, divididos de forma a esquematizar o assunto, facilitando a compreensão desta realidade.

Em seu primeiro capítulo, os autores escolheram analisar o processo de doação de órgãos e transplante por meio da interdisciplinaridade, optando por trazer diversos conceitos antropológicos passíveis de serem aplicados no tema em questão. Assim, uma temática inicialmente puramente médica (transplante), pode ser interpretada com maior facilidade por meio de prismas mais sociais, permitindo também a vinculação com os povos originários e como estes percebem as práticas médicas realizadas atualmente pela comunidade não indígena. Além disso, também é apresentado ao leitor a ideia do corpo como algo construído socialmente, e como essa construção é influenciada pela cultura ao nosso redor (“etnocentrismo”), isso por sua vez incentiva o leitor a pensar sobre situações nunca observadas e que merecem atenção.

Ao trazer uma abordagem mais antropológica ao capítulo inicial, os autores não apenas nos permitem ampliar nossa visão inicial sobre o tema, mas também auxiliam o leitor a perceber a complexidade da temática em questão. Isso porque a partir dessa metodologia eles apresentam ao leitor dados que, partindo de uma visão mais biológica, talvez não tenham sido

considerados, mas que agora, podem fazer parte do entendimento do tema. Isso por si só já é um sinal da heterogeneidade a ser desenrolada nos próximos capítulos.

No segundo capítulo, após dedicar o primeiro ao esclarecimento de termos e conceitos importantes para o desenrolar da temática, os autores trazem uma informação de grande relevância: esta é a primeira obra escrita exclusivamente sobre transplantes em povos originários no cenário brasileiro. Eles ressaltam a falta de dados sistemáticos acerca da prática de transplante na população indígena, não apenas no Brasil, mas também na América Latina como um todo. Esses são apontamentos de grande valia pois, quando se pesquisa o tema em qualquer base de dados, apenas artigos de regiões norte-americanas, da Oceania e alguns poucos da Ásia são identificados. Apesar de boas referências para possíveis metodologias de pesquisa a serem aplicadas no Brasil que estes textos possam ser, ainda assim, não refletem as particularidades dos povos originários sul-americanos.

Aqui temos a temática que, provavelmente, desempenhou o papel de maior impacto no entendimento do leitor a respeito da relevância de se estudar os transplantes e a doação de órgãos no contexto da saúde indígena no Brasil. A falta de estudos na área comprovada pelas busca bibliográficas fortalece o argumento de que este é um tópico a ser explorado e amplamente estudado, dada a forte presença dos povos originários na história, não só brasileira, mas de toda América do Sul.

Após os esclarecimentos feitos sobre a literatura desenvolvida em cima do tema, o capítulo três traz dados importantes sobre o trabalho com outras culturas. Sabe-se que, ao pensar em discutir sobre saúde indígena, deve-se levar em consideração as diferenças de cultura, educação, linguagem e de cuidado médico

praticadas pelos povos originários e as sociedades ocidentais. A forma como as populações indígenas entendem determinado assunto, não necessariamente reflete o que não indígenas entendem e, isso, somado a diversas barreiras levam a falhas de comunicação entre as partes e dificulta o acesso dos povos originários a procedimentos de saúde mais complexos como os transplantes.

Um exemplo desse tipo de situação foi descrito por Devitt², em seu artigo ele explorou essa dificuldade de comunicação entre a equipe médica e os pacientes indígenas australianos, trazendo trechos de entrevistas feitas, nas quais os pacientes em sua maioria, relatavam desejo por fazer o transplante, mas afirmavam não entender o processo, ou mesmo o que era repassado a eles pela equipe médica a respeito do seu tratamento e condição no momento da produção do artigo. É interessante como essas realidades apresentadas em ambos livro e artigo se comunicam, nos mostrando um desafio aparentemente comum, mesmo quando tratamos de povos originários de regiões completamente distintas.

Vale destacar, que esta mesma dificuldade de comunicação, muitas vezes pode ser presenciada no atendimento de populações em vulnerabilidade socioeconômica, de forma a ir além desses povos, mas também comunidades ribeirinhas, quilombolas etc. Isso nos apresenta uma necessidade que as equipes de saúde têm atualmente de desenvolver técnicas apropriadas para garantir não só uma boa relação médico-paciente com as comunidades originárias, mas também a transmissão efetiva de informação para os pacientes, garantindo assim que estes sejam também ativos na evolução da sua condição médica.

O último capítulo traz, por fim, uma reflexão sobre a falta de investimentos tanto financeiros como humanos no treinamento de profissionais para atender o público originário. É preciso compreender que, apesar das diferenças culturais, diversos países já tem conseguido trabalhar em medidas que atuam na promoção de acesso à saúde por esses povos e, mais importante, acesso a conhecimento e informações culturalmente apropriadas e que prezem pelos valores incutidos à família e a comunidade originária.

A partir de tudo aquilo relatado no fechamento do livro, especialmente a relevância que os pacientes indígenas dão à opinião de seus familiares e companheiros da comunidade na qual estão inseridos, conseguimos fazer um paralelo com as experiências relatadas por

Anderson³ em seu estudo. Ele entrevistou indígenas australianos e percebeu o grande impacto que a família, bem como as responsabilidades sociais e culturais que esses pacientes tinham para com sua comunidade exercem sobre a escolha de fazer ou não um transplante em centros de saúde que, na maioria dos casos, implicaria no distanciamento da comunidade.

Essa última observação é trazida pelos autores como um mecanismo para nos chamar a atenção às dinâmicas dos povos originários e os pontos nos quais se distingue da cultura ocidental. Aqui vemos a perspectiva de que, ao tratar um paciente indígena, não estamos lidando apenas com um único indivíduo, mas sim um membro de uma comunidade que, em sua união, se apoia e participa de decisões importantes. Essa contribuição se deve ao grande impacto nas dinâmicas entre cada pessoa dentro daquele povo, no papel que cada um desempenha na manutenção da cultura e seus costumes.

Em suma, a obra em análise nos oferece uma leitura dinâmica e enriquecedora, que resume o panorama atual sobre as condições das pesquisas a respeito de populações indígenas e sua eventual necessidade por procedimentos como os transplantes e a doação de órgãos. É um tema complexo e pouco estudado que, dada a riqueza cultural do nosso país, deveria ser mais explorado e cujas pesquisas deveriam ser mais incentivadas.

Referências

1. Fernandes E R, Cavalcanti A K N. Organ transplantation and native peoples: an interdisciplinary approach. SpringerBriefs in Public Health. 12 de agosto de 2023.
2. Devitt J, Anderson K, Cunningham J, Preece C, Snelling P, Cass A. Difficult conversations: Australian Indigenous patients' views on kidney transplantation. BMC Nephrol. 11 de outubro de 2017;18(1).
3. Anderson K, Cunningham J, Devitt J, Preece C, Cass A. Looking back to my family": Indigenous Australian patients' experience of hemodialysis. BMC Nephrol. 20 de setembro de 2012;13(1).
4. Rangiwai B. Reflections on Nan's liver transplant. Te Kaharoa. 2022;15.
5. Shaw R, Webb R. Ka mura ka muri: understandings of organ donation and transplantation in Aotearoa New Zealand. Med Humanit. 1 de dezembro de 2021;47(4):456–65.

Endereço para Correspondência

Melissa Resende Ferreira

E-mail: melissaresend@gmail.com

Recebido em 01/05/2024

Aprovado em 28/06/2024

Publicado em 29/06/2024